

A menor e a melhor idade

TRIBUNA DO BRASIL

Teotônio Vilela Filho -) Senador pelo PSDB de Alagoas

06 SET 2004

Os programas eleitorais gratuitos Brasil afora, exibem, cada um ao seu modo, um ponto em comum: a preocupação com a criança, o compromisso com a criação de creches e pré-escolas. Numa palavra, a preocupação com essa faixa etária que vai de zero a 14 anos. Saudável preocupação, aliás, porque significa que os municípios estão mergulhando de cabeça no gravíssimo problema de assistência à criança, do momento em que nascem até sua saída da escola pública de ensino fundamental.

Infelizmente não tenho visto, por onde ando ou de onde recebo informações, preocupação semelhante com o idoso – o outro extremo da vida, igualmente indefeso e desprotegido, às vezes rejeitado até pela família. Essa constatação nos remete a uma grave questão de falta de planejamento e políticas públicas no País.

É sabido que nos últimos anos caiu a mortalidade infantil e aumentou a expectativa de vida dos brasileiros. Em algumas regiões, como no Sul, já beira os 80 anos para as mulheres. Com uma população cada vez mais idosa o Brasil terá forçosamente que encarar o problema de políticas públicas para a terceira idade.

A começar pelos municípios.

Há problemas que são realmente imprevisíveis para o poder público. Mas há outros que são não apenas previsíveis, mas têm até data marcada para surgirem. Cito apenas um: o gargalo que se prenuncia inquietante para o ensino médio brasileiro. O governo Fernando Henrique adotou uma política exemplar de universalização do ensino fundamental. Atingimos a escolarização de cerca de 98% de nossa população dos 7 aos 14 anos. Mais ainda, o governo passado implantou e desenvolveu inúmeros programas para redução de evasão escolar, de repetência e de aceleração de aprendizagem, de tal forma que o número dos que saem da última série do ensino fundamental seja cada vez mais próximo dos que entram no sistema. Estamos avançando, a cada ano. Mas não avançamos quase nada em relação ao ensino médio. Os estados nordestinos, em sua maioria, têm ainda dezenas de municípios sem uma única classe de ensino médio. Ou seja, aos 14 anos, o garoto tem duas alternativas: parar de estudar ou sair da cidade. Uma terceira alternativa é inacessível para a

maioria: o pagamento de escola privada.

Se o problema já existe hoje, vai ser mais grave ainda nos próximos anos, quando estará deixando o primeiro grau toda a multidão de novos alunos que ingressaram no sistema nos últimos sete anos. Até aqui não se conhece qualquer providência do Governo Federal para desobstruir esse gargalo, que tem um desfecho absolutamente previsível: o jovem que estiver terminando o ensino fundamental nos próximos anos estará irremediavelmente condenado a dois vestibulares: para o ensino médio e para o ensino superior.

No caso de crianças e idosos, ou o País enfrenta, com urgência, a questão da terceira idade, ou terá na televisão nos próximos anos cenas cada vez mais chocantes de abandono e descaso para quem deu tudo de si para termos hoje o Brasil que temos. É possível até que os próximos prefeitos pensem diferente e estejam, de fato, dispostos a cuidar da assistência aos idosos. Felizmente, em Maceió, posso parabenizar a iniciativa do candidato José Wanderley de colocar como prioridade nas suas ações de governo uma atenção especial para com a criança e o idoso.